

FANADO DE MINDJER: PRÁTICA, SABERES SOCIOCULTURAIS E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DAS MULHERES N'GHAMANO¹

Fatumata Binta Baldé²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a prática do “fanado de mindjer” (uma prática que envolve um pequeno corte no prepúcio clitoriano) na Guiné-Bissau, buscando compreender seus significados socioculturais, e os desafios enfrentados pelas mulheres praticantes (que realizam a prática) na contemporaneidade. O “fanado de mindjer”, é um ritual de iniciação feminina, prática cultural amplamente difundida como rito tradicional por diversos grupos étnicos que compõem o estado nação da Guiné Bissau, mas que tem sido alvo de debates e controvérsias devido às suas “didas” consequências para a saúde das mulheres e à incompatibilidade com os princípios dos ditos direitos humanos. Através de uma análise descritiva de narrativas de mulheres que passaram pelo ritual e de 'N'ghamano' (as que realizam o corte), este estudo busca contribuir para um debate mais aprofundado sobre o tema, desmistificando as narrativas sobre a prática de fanado e evidenciar as narrativas dessas mulheres que realizam a prática dentro de um olhar sociocultural. Portanto, abordamos sobre o fanado de mindjer, a partir de uma perspectiva endógena, enfatizando o saber e a honra dentro de uma lógica africana do conhecimento que perpassa pela oralidade. Para o desenvolvimento do trabalho, utilizamos a metodologia qualitativa para a descrição dos fatos, onde fizemos a entrevistas com três (3) mulheres de 50 e 75 anos de idade, das etnias Fula e Biafada nas regiões de Ingoré e Bissau que realizam a prática, também fizemos levantamentos bibliográficos em livros, artigos, monografias para um diálogo mais eficaz com o trabalho.

Palavras-chave: circuncisão feminina; mulheres - Guiné-Bissau - aspectos sociológicos; Guiné-Bissau - usos e costumes.

ABSTRACT

This study aims to analyze the practice of "fanado de mindjer" (a practice involving a small cut in the clitoral prepuce) in Guinea-Bissau, seeking to understand its sociocultural meanings and the challenges faced by women who practice it in contemporary times. "Fanado de mindjer" is a female initiation ritual, a cultural practice widely disseminated as a traditional rite by various ethnic groups that make up the nation-state of Guinea-Bissau, but which has been the subject of debate and controversy due to its alleged consequences for women's health and its incompatibility with the principles of human rights. Through a descriptive analysis of narratives from women who have undergone the ritual and from 'N'ghamano' (those who perform the cut), this study seeks to contribute to a more in-depth debate on the subject, demystifying narratives about the practice of fanado and highlighting the narratives of these women who perform the practice within a sociocultural perspective. Therefore, we address the practice of female genital mutilation from an endogenous perspective, emphasizing knowledge and honor within an African logic of knowledge that permeates orality. For the development of the work, we used qualitative methodology for the description of the facts, where we conducted interviews with three (3) women aged 50 and 75 years old, from the Fula and Biafada ethnic groups in the Ingoré and Bissau regions who perform the practice, we also carried out bibliographic surveys in books, articles, monographs for a more effective dialogue with the work.

Keywords: female circumcision; women - Guinea-Bissau - sociological aspects; Guinea-Bissau - customs and traditions.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Andrea dos Santos Soares.

² Bacharela em Humanidades e licencianda em Ciências Sociais pela UNIAB.

1 INTRODUÇÃO

O fanado, prática cultural de diversos grupos étnicos na Guiné-Bissau, se configura como um conjunto de crenças, práticas e valores que moldam a identidade e a estrutura social dessas comunidades. É um rito de iniciação que marca a transição da infância para a idade adulta, sendo um de seus objetivos principais, também, preparar as pessoas e conferindo-lhes um status social mais elevado dentro da comunidade, como no caso do casamento e da maternidade. Uma mulher que passou pelo ritual de fanado, ela é respeitada no lar do marido e na maioria das vezes ela pode tomar decisões com ausência dos mais velhos, também, ela tem uma ligação maternal ancestral que não dificulta no parto, porque está no âmbito das crenças tradicionais. A prática de fanado é realizado pelas N'ghamano (mulheres que praticam o ritual ou realizam o corte do prepúcio clitoriano), essas mulheres não é obrigatoriedade de elas serem uma guardiã da sociedade, mas sim, é através de uma linhagem ancestral, de modo que, na maioria das vezes essa pessoa é escolhida independentemente do seu status social.

A cerimônia iniciática é uma prática marcada pelo gênero, definindo os papéis sociais das mulheres, suas relações com os homens e sua posição dentro da comunidade, conferindo às mulheres um status social mais elevado e as integrando ao nicho de mulheres já iniciadas, reforçando a identidade étnica. A interação ritualística é um momento de transmissão de conhecimentos baseados na oralidade, onde as mais velhas ensinam para as mais novas sobre a cultura, a história e as tradições. Para além do ritual de excisão (onde é retirado uma pele que envolve a cabeça do clitóris, o período de isolamento e instrução sobre os papéis sociais e as responsabilidades da mulher adulta é praticado durante o fanado. O ritual é um meio de conexão com o mundo espiritual e com os ancestrais, no intuito de oferecer proteção contra doenças e espíritos malignos e garantir a fertilidade e a saúde.

Muitas comunidades associam o fanado ao islamismo, justificando as crenças religiosas através de interpretações particulares de textos sagrados. O fanado de mindjer não é algo religioso, mas sim cultural, o qual, no decorrer do tempo foi associado a religião muçulmana. De modo que vários grupos sociais guineenses realizam a prática, como no caso de *Budjúgus* (Bijagos), Biafadas, Fula, Balanta Mané, Mandingas, Sussú, Nalú, Mansonca, Cassanga, etc... A prática de fanado, para essas comunidades é tido como uma forma de reconhecimento e respeito, além da visão religiosa, mas sim, cultural. A realização da prática é diferente entre alguns grupos, de modo que, uns fazem a corte e outros não. De acordo com, Monteiro (2023, p. 22), afirma que,

Apesar de existirem mulheres de grupos étnicos não islamizados que passam pelo ritual, estas geralmente são as que vão por vontade própria, seja pela conversão ao islamismo ou até pela influência das colegas. As justificativas da sua permanência são variadas a depender de cada contexto. As justificativas mais prováveis de acordo com as literaturas consultadas, tem relação com a questão da tradição e da higiene (Yasmine 2015; Moreira 2017; Roque 2017; Kaplan 2017). Porém, outras justificativas também estão por detrás deste procedimento, como por exemplo: acredita-se que as meninas não cortadas têm um desejo enorme pelo o sexo e são prováveis de perder a virgindade antes do casamento (Aliaga; Kaplan, 2017; Monteiro, 2023, p. 22).

Nesta perspectiva, é necessário enfatizar sobre as falsas narrativas enraizadas sobre a prática para desinformar a comunidade a fim extinguir a prática. A maioria das mulheres guineenses dos outros grupos sociais, não passam pela prática, e existe a crença de que as mulheres que passam pelo fanado são sexualmente insaciáveis mas, é necessário enfatizar que o desejo ou prazer de ter relação sexual, não tem nada haver com o fanado, dentre esse, não devemos associar o prazer sexual com a prática, o fanado não implica em ter ou não, a maior desejo sexual. Os casos recentes sobre a diminuição clitoriana, permanece como uma forma de estética e higiene nas sociedades ocidentais, enquanto que o fanado está sendo condenado pelos mesmo sociedade, sabendo que são mesma prática de excisão parcial, com forma de realização e sentido diferente (o fanado de mindjer é além da corte, mas de um ensinamento voltada a oralidade e as formas de se comunicar e relacionar na comunidade). A maioria das pessoas, acreditam que as mulheres que passam pelo ritual não sentem prazer, no entanto a pequena excisão do prepúcio do clitóris não é um fator impactante para o prazer sexual e essas meninas são capazes de atingir o prazer sexual como as meninas que não passam pelo ritual. A prática de fanado de mindjer, tem sentido para os grupos que praticaram dentro de uma lógica de higienização e sobre a tomada de decisão dentro da comunidade. Como afirmamos acima, a prática de fanado não é algo religioso, mas, é necessário frisar que foi associado à religiosidade no decorrer do tempo, como afirma uma das nossas entrevistadas, que, “o fanado (sun’na) é algo que vem de Deus” (no sentido de pureza) porque a mulher de um dos profetas passou por ritual.

O objetivo específico deste trabalho é compreender como a proibição do fanado impacta a visão de mundo, as perspectivas e a realidade social das mulheres que realizam ou praticavam o fanado, com base em suas narrativas obtidas, por meio de entrevistas semi-estruturadas, na busca de identificar as principais dificuldades enfrentadas após a proibição, avaliar a relação entre a identidade cultural das mulheres e a prática e verificar se há uma percepção de desigualdade de gênero nas consequências da proibição.

A metodologia tem como base entrevistas semiestruturadas em uma abordagem qualitativa, (Treviños, 1987) privilegiando a compreensão a partir de um estudo de caso (Ventura, 2007) das experiências e percepções das mulheres guineenses envolvidas na prática, os significados culturais, sociais e pessoais atribuídos ao ritual. A escolha das entrevistas passa por uma seleção estratégica, uma vez que estão representadas em gerações de mulheres que vivenciaram o fanado em um contexto pré e pós proibições. Neste caso foram entrevistadas três (3) mulheres entre 50 e 75 anos de idade, das etnias Fula e Biafada nas regiões de Ingoré e Bissau. Não conseguimos encontrar o número significativo das pessoas para a entrevistas, por motivo de medo, de modo que, algumas *n'ghamano* (fanáticas), disseram que não iriam fazer entrevistas, porque têm filhos/as para cuidar, porque, muitas pessoas vêm com intuito de entrevista-las, mas acabam por incriminar-lhes. A entrevista foi realizada no período de duas semanas, tendo em conta a dificuldades de encontrar as entrevistadas e conversar com elas sobre o objetivo do trabalho, sabendo que no início, às duas delas que foi entrevistas se encontrava indisponível por causa da saúde, causada por não realização da prática, durante muito tempo, e também, no início tivemos a dificuldade de encontrar entrevistadas, porque elas não querem falar no início, por medo da autoridade por causa da proibição da prática. Realçando que, a prática de realização de fanado não é algo de querer fazer, mas sim, é uma prática que é realizada pelas pessoas escolhidas através de uma linhagem ancestral, no qual, essas pessoas denominadas de *n'ghamano* (fanáticas) herdaram as facas utilizadas no ritual. O roteiro de entrevista com perguntas abertas que permitiu que as mulheres expressassem suas experiências e sentimentos de forma livre. Utilizei técnicas de análise qualitativa para identificar narrativas que agreguem ao objetivo. Sendo fundamental considerar o contexto cultural e social específico em que o fanado ocorre, bem como as diferentes perspectivas sobre essa prática, que é diversa e complexa, onde as experiências individuais das mulheres podem variar significativamente. É importante ressaltar que a análise apresentada neste documento é baseada nas informações disponíveis nas entrevistas e não pretende ser exaustiva.

2 RITUAL DO FANADO DE MINDJER

Os rituais do fanado são geralmente realizados em locais isolados, como bosques ou áreas afastadas das aldeias. As meninas são submetidas a procedimentos secretos, o que na maioria das etnias inclui a excisão de parte do clitoris, prática esta recorrente em diversos países do mundo, e que em específico no continente africano, começou a ser contestada em 1984, por

mulheres senegalesas em Dakar, que se organizaram contra práticas tradicionais consideradas nocivas, como a excisão e o casamento precoce, tal mobilização resultou na criação do Comitê Inter-Africano Contra as Práticas Tradicionais Nocivas e impulsionou a criação de políticas públicas para proteger os direitos das mulheres a nível internacional (Silva, 2015, p. 4).

A "Década das Mulheres", proclamada pela ONU em 1975, impulsionou a discussão sobre os direitos femininos na Guiné-Bissau. A independência do país ocorreu em 1973, liderada pelo PAIGC e Amílcar Cabral, a participação das mulheres foi essencial para a transformação social, a reconstrução nacional, e na organização popular, desde então surgiram a União Democrática das Mulheres da Guiné e Cabo-Verde e, no período pós-independência, a Comissão Feminina do PAIGC e a Comissão Nacional das Mulheres da Guiné (Gomes, 2015).

Na Guiné-Bissau, o primeiro projeto de lei em oposição ao fanado feminino surgiu em 1995. No entanto, este foi rejeitado à época, sob a alegação de ser contrário às comunidades islâmicas. Mais de uma década depois, em junho de 2011, a lei que proíbe a prática no país foi aprovada pela Assembleia Nacional Popular da República da Guiné-Bissau. Neste ínterim, foi instituído pela ONU o "Dia Internacional da Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina". (Prazeres, 2018, p. 9).

É um fato que as organizações e reivindicações dos direitos femininos na Guiné Bissau, incluem o tema referido à excisão feminina.

Excisão, sendo que esta designação é uma versão feminina da circuncisão masculina; cirurgia Genital Feminina, com implícita uma aceitação e compactuação por parte de determinados profissionais de saúde, que chegam a executar o corte em ambiente hospitalar, como acontece no Egito; Clitoridectomia, diz respeito à forma mais branda de corte que se pode verificar, ou seja, a remoção parcial ou total do clitóris; corte dos Genitais Femininos; Excisão; Prática Tradicional; Fanado na Guiné, khitan no Egito e Gudiniin na Somália, são algumas das expressões relativas ao corte em cada país; Operação. (Martingo, 2009 *apud* Silva, 2015, p. 3).

O assunto em questão neste trabalho, é verificar a percepção sobre o principal ritual de passagem feminino na Guiné Bissau por parte de mulheres que constituem a população e são co-dependentes da referida conjuntura cultural. O fanado é visto como um ritual de passagem, marcando a transição da infância para a idade adulta, a prática tradicional tem o intuito de fortalecer os laços comunitários, transmitir conhecimentos ancestrais e valores culturais de geração em geração. Os ensinamentos das mulheres mais velhas para com as mais novas transmitem conhecimento sobre o corpo, preparando para a maternidade e a vida adulta. A proibição do fanado tem gerado um impacto sociocultural, interferindo em práticas rituais e sagradas, retirando postos de status social, autonomia e a oportunidade de mulheres exercerem um papel de liderança na comunidade. A interrupção da prática gerou dificuldades financeiras

para as mulheres que viviam do fanado e, conforme analisaremos a partir das entrevistas, as proibições podem ser percebidas como um ataque à cultura e aos valores tradicionais.

O roteiro da entrevista foi elaborado de forma a explorar temas como a história pessoal das entrevistadas, os significados culturais, possíveis mudanças sociais e as implicações das proibições. As entrevistas foram realizadas em um ambiente seguro, permitindo que as participantes se expressassem livremente sobre suas experiências. A escuta ativa e a empatia foram fundamentais para estabelecer uma conexão com as entrevistadas e incentivar a narrativa de suas histórias. A análise dos dados das entrevistas foi realizada por meio da análise de conteúdo,

A pesquisa exige uma abordagem sensível e respeitosa, que leve em consideração a complexidade cultural e as diferentes perspectivas envolvidas.

As questões de pesquisa foram elaboradas a partir de uma perspectiva de uma mulher guineense, investigando significados, impactos e buscando trazer à luz informações que sejam parciais para com a tradição do fanado, que não se resume a ideia de extração de partes do corpo de mulheres, ou a ideia generalizada de mutilação feminina, um assunto complexo e delicado, que já é tratado de forma ampla no quesito da discussão a respeito dos direitos humanos. É de suma importância trazer visibilidade para o significado da cultura e como é representado os elementos que possam ser relacionados a um dos ritos de iniciação que é o pilar do recorte de gênero, em diversas culturas da Guiné Bissau, e o mais importante, como as mulheres locais lidam com a observância da prática, sendo considerada um crime e tendo seus princípios e valores culturais sendo avaliados de forma universal e globalizada. Quais os significados atribuídos ao fanado pelas mulheres? Como a prática se relaciona com a identidade feminina, a comunidade e a espiritualidade? Como as proibições afetaram as relações sociais e as dinâmicas de poder? Como as mudanças sociais e políticas influenciaram a prática do fanado ao longo do tempo?

O fanado está inserido em um contexto político mais amplo, marcado por conflitos entre tradições culturais e os direitos humanos, bem como pelas políticas públicas de erradicação da mutilação genital feminina. É fundamental reconhecer que o fanado é uma prática profundamente enraizada na cultura de muitas comunidades, e que sua erradicação ou modificação exige um diálogo intercultural e a construção de alternativas que respeitem os valores e as necessidades das mulheres. Embora os trechos da entrevista fornecidos não contenham muitos exemplos de língua tradicional, é possível identificar alguns elementos que indicam a importância da linguagem local na transmissão dos conhecimentos sobre o fanado. A menção a termos específicos como "kankuran", "bambaram", e "N'ghamano" sugere a

existência de um vocabulário próprio para descrever os rituais e os objetos utilizados na prática³.

3 NARRATIVAS DAS MULHERES N'GHAMANO QUE SEGUEM A TRADIÇÃO DO FANADO

A seguir trechos da entrevista⁴ concedida à Fatumata Binta Balde em dezembro de 2023, por Aissatu Seide⁵, n'ghamano⁶ denominado de (fanateca) Mulher Guineense, da Etnia Fula.

Entrevistadora: Me fale sobre como está a prática do fanado atualmente?

Aissatu Seide: Salamallekun (cumprimentos). Sobre o fanado, nos disseram para realizar a prática, mas isso nos trouxe muitos problemas. Meu marido me deixou com as crianças. Com o fanado, consegui criar meus filhos. Disseram para parar com a prática, mas, antes de nos proibirem, tive um AVC. Isso ocorreu porque não podia mais usar a faca que herdei da minha mãe. Fomos impedidas de trabalhar e não recebemos nenhum tipo de suporte; ficamos desamparadas. Mais tarde, escolheram algumas pessoas mais novas e as levaram para a Europa, deixando quem era responsável pela prática sem nada.

Ainda assim, ela afirmou:

"Deus e o Estado são grandes. Se você não quer passar vergonha, tem que depender de ambos. Porém, quando o Estado proíbe uma prática, deve oferecer condições alternativas. Onde as pessoas sobrevivem, se algo lhes é tirado, deve ser substituído. Fanado é algo que vivemos e vimos acontecer desde que nascemos. Disseram que não é bom. Nós seguimos o Estado, mas isso nos trouxe cansaço. Apesar disso, autoridade e Deus têm o mesmo poder. Não vejo problema em parar, mas sinto falta, porque a educação hoje é diferente; muitos jovens não respeitam os mais velhos." Eles nos enganaram prometendo condições para parar com o fanado. Participamos de um seminário em Pissubé, mas o que discutimos não foi o que fizeram. Eles levaram os mais jovens e deixaram os mais velhos e responsáveis sem nada.

Entrevistadora: Mas levaram as pessoas para quê?

³ Falar sobre o formato de ritual para outras pessoas que não passou pela prática, tira a essência da prática, mas vamos tentar abordar de uma forma sucinta. O ritual é feito através de um chefe, que é n'ghamano, mas que você não pode vê-la e nem saber quem é, a realização do ritual é feita na barraca (pode ser em casa, a depender da família e do tempo). Portanto, o objeto utilizado, é a vaca, de modo que, essa vaca deve ser comprada pelos pais, e só é utilizada para essa menina que vai passar pelo ritual. As mulheres que praticam a corte, a maioria não tem formação acadêmica, mas sim, através dessa herança ancestral de herdar a prática, saber como lidar com a prática. Por outro, as pessoas responsáveis por cuidar dessas meninas durante o ritual, têm o conhecimento, no qual esses conhecimentos são transmitidos de geração em geração através da oralidade.

⁴ Entrevista não publicada, cedida à autora por ocasião da construção do trabalho de conclusão de curso em ciências sociais na UNILAB. No dia 27 de dezembro de 2023, em Bissau, Guiné Bissau.

⁵ Nome fictício da entrevistada, a entrevistada não quer que o nome dela consta no trabalho.

⁶ É denominada as mulheres que realizam a prática de fanado

Aissatu: Não sabemos. No caso de Nené Camara, ela foi uma das escolhidas. Fatu é a responsável (caramoku) dela, mas não é a minha.

Entrevistadora: Se não tivesse sofrido um AVC, continuaria a prática?

Aissatu: Não teria como continuar porque não quero ser presa e deixar minhas filhas sozinhas. Contudo, gostaria que entendessem a importância dessa prática. Hoje sinto falta dos tempos em que todos se reuniam. Meu sonho era passar a faca para minha filha, mas agora estou doente. A doença veio porque não estou cumprindo os rituais. Não temos apoio do Estado para justificar que devemos continuar. Mesmo quando alguém comete um erro, há quem tente mediar, mas, no nosso caso, ninguém faz isso.

Entrevistadora: As pessoas que passaram pelo *fanado* com você enfrentaram complicações?

*Aissatu Seide: Nenhuma morreu. Todas casaram e tiveram filhos sem problemas. Antes da minha mãe falecer, ninguém enfrentava dificuldades no parto. As meninas que praticam hoje cometem erros, mas a nossa prática era diferente; apenas realizávamos o **Sun'na**, que é a retirada de uma pequena parte íntima. A prática errada atual é fruto da proibição que enfrentamos, e muitos que praticam hoje não sabem fazer corretamente.*

Entrevistadora: Há alguma cerimônia para herdar a faca?

*Aissatu Seide : Sim, há uma cerimônia. Chamam-se pessoas da comunidade, preparam-se alimentos, como arroz, e buscam-se figuras tradicionais, como o *kankuran*. As pessoas ficam acordadas a noite inteira e depois tomam banho no rio antes da cerimônia. Atualmente, isso não acontece mais.*

Entrevistadora: Vocês utilizavam a mesma faca para várias pessoas?

Aissatu seide : Não é verdade. Cada pessoa tinha sua faca. Na minha prática, utilizava luvas e nunca repeti a mesma faca para outra menina. Esse boato foi criado para boicotar nossa prática.

Entrevistadora: O governo prometeu algo a vocês?

Aissatu Seide: Prometeram casas e outras coisas, mas nada aconteceu. Se não quer passar vergonha, é melhor parar, porque não sabemos o verdadeiro motivo da proibição. O governo deveria ter estudado nossa prática antes de proibi-la.

Entrevistadora: O governo fiscaliza se vocês continuam com a prática?

Aissatu Seide : Sim, enviam pessoas disfarçadas para verificar. Quem é pego é preso, como aconteceu com uma mulher em Bafatá. Muitas vezes, são os próprios vizinhos que denunciam.

Entrevistadora: Por que o governo pediu para parar com a prática?

Aissatu Seide: Disseram que causa HIV, dificuldades no parto e outras coisas. Mas nunca vi isso acontecer com as pessoas que passaram pelo fanado comigo. Estou bem de saúde, e o AVC que tive não tem relação com a prática.

Entrevistadora: Você entregou sua faca?

Aissatu Seide: Não. Não entregarei a faca em uma mesa, mas no mato sagrado, pois foi lá que a recebi. Algumas mulheres enganaram as autoridades entregando facas de arroz em vez das verdadeiras.

A partir dos trechos da entrevista podemos traçar um perfil de uma mulher enraizada em sua cultura e tradições, com um forte senso de pertencimento à sua comunidade. Ela demonstra o conhecimento sobre o fanado, seus rituais e significados, e a resistência às mudanças impostas pela modernidade e pelas políticas governamentais. Se apresenta como uma guardiã das tradições de sua comunidade, transmitindo os conhecimentos sobre o fanado de geração em geração, defendendo a importância de preservar as práticas culturais ancestrais. Sua fala revela uma forte ligação com sua comunidade, valorizando os laços sociais e a importância dos rituais comunitários. Acredita nos benefícios do fanado para a saúde e o bem-estar das mulheres, baseando-se na sua experiência pessoal e nas tradições de sua comunidade. Ainda, mostra que

[...]fanado é uma coisa que a gente nasceu e viu que está acontecendo... e eles disseram que não é bom, nós estamos atrás deles (Estado), mas nos cansaram, mas acima de tudo, autoridade e Deus são iguais (poder). Não vejo nada mal quando disseram para parar, mas é mal também, porque a educação agora com os tempos atrás é diferente, muitos meninos/as não respeitam os mais velhos.

Aqui expressa a percepção de que o fanado está ligado a um sistema de valores e crenças mais amplos. Ainda, ressalta que,

as filhas delas pariram sem nada acontecer de perigo... não é de hoje eu realizo a prática (bota fanado), antes da minha mãe faleceu, nenhuma das meninas tem problemas com o parto “bambaram”, na hora de dar luz, pode ser em casa, mas acontece sem nenhum problema.

Aissatu associa o fanado a benefícios para a saúde reprodutiva, refletindo crenças populares sobre a prática. Essa percepção, embora não comprovada cientificamente, revela a importância cultural atribuída ao ritual.

Ainda, enfatiza que,

Deus e Estado é grande, se você não quer passar por vergonha, tem que ficar atrás dos dois, mas é necessário quando o Estado proibia a prática, que nos deram a condição, porque onde o ser se sobrevivi e revivi a sua espiritualidade, se você tirar aquela coisa dele, você tem que arranjar o outro para substituir.

Essa fala revela o dilema enfrentado pelas mulheres que praticam o fanado, ao mesmo tempo em que desejam seguir suas tradições, elas reconhecem a necessidade de se adaptar às exigências do Estado. No entanto, a entrevistada questiona a forma como essas exigências são impostas, expressando um sentimento de injustiça e desconsideração por suas necessidades.

A prática desempenha um papel importante na vida social e econômica das mulheres, proporcionando autonomia, status social e sustento financeiro. A entrevistada Aissatu Seide, expressa um profundo descontentamento com a forma como as proibições foram impostas, sem um diálogo prévio com as comunidades e sem oferecer alternativas adequadas. A falta de consideração pela cultura e pelas tradições locais é evidente na fala dele de outras mulheres entrevistadas, muitas delas demonstram desconfiança em relação às intenções do Estado, questionando a veracidade das informações divulgadas sobre os riscos do fanado. Essa desconfiança é alimentada pela falta de diálogo e pela imposição de medidas que são percebidas como arbitrarias.

A insistência de *Aissato Seide* em entregar a faca no mato sagrado demonstra a importância dos rituais e dos espaços sagrados para a prática ritualística. Essa exigência revela a dimensão espiritual e simbólica, que vai além de seus aspectos técnicos.

A faca é vista como um símbolo de identidade e poder, e a tentativa do Estado de controlá-la representa uma ameaça à autonomia das comunidades. Os rituais são vistos como elementos essenciais, carregados de significado cultural e espiritual. A tentativa de eliminar esses rituais é percebida como um ataque à identidade cultural das comunidades, o que reforça a complexidade da questão do fanado na Guiné-Bissau. A prática está profundamente enraizada na cultura e na identidade das comunidades, e as tentativas de erradicá-la encontram resistência e desconfiança. Para que as políticas públicas sejam eficazes, é fundamental que haja um diálogo aberto e respeitoso com as comunidades, levando em consideração suas perspectivas e necessidades. Além disso, é preciso oferecer alternativas que permitam às mulheres manterem

suas identidades culturais, ao mesmo tempo em que garantam seus direitos à saúde e à integridade física.

A pesquisadora Jessica Prazeres aponta o seguinte trecho em sua pesquisa.

[...] No sentido de questionar alguns discursos hegemônicos que normalmente enfocam sob as mesmas lentes a situação de todas as mulheres. Entendo que as generalizações e a simples tradução das operações genitais femininas como apenas mais um exemplo da opressão feminina decorrem destes discursos. Uma das consequências deste processo é a invisibilidade de um possível espaço de agência dessas mulheres. (Prazeres, 2018).

Ao analisar os símbolos e os objetos utilizados nos rituais do fanado, buscando compreender seus significados e sua importância para a comunidade. A faca é um objeto central nos rituais do fanado, carregado de simbolismo, transcendendo sua função utilitária, adquirindo um significado dentro do contexto cultural e ritualístico dessa tradição. A faca é muitas vezes vista como um instrumento de poder, associado a conhecimentos ancestrais e habilidades especiais. A posse da faca confere à praticante um status social elevado e a responsabilidade de perpetuar a tradição, um objeto sagrado, carregado de energia espiritual, associada a divindades ou espíritos ancestrais, que são invocados durante os rituais. Transmitida de geração em geração dentro das famílias, simbolizando a continuidade da tradição e a ligação entre os ancestrais e os seus descendentes.

A entrega da faca é um ritual que marca a passagem do conhecimento e da responsabilidade para uma nova geração de praticantes. Esse ritual geralmente envolve a preparação para a cerimônia de entrega da faca, envolve jejum e purificação. É realizada em um local sagrado, como um bosque ou um rio, que é considerado um espaço de conexão com o mundo espiritual. A cerimônia é geralmente acompanhada por membros da comunidade, que atuam como testemunhas participantes dos rituais. Durante a cerimônia, são proferidas bênçãos e orações, invocando os ancestrais e solicitando proteção para a nova praticante. A importância e o significado da faca podem variar de uma região para outra na Guiné-Bissau, refletindo as diferentes tradições e crenças de cada grupo étnico, mas na maioria das vezes está associada a medicina tradicional e a adivinhação.

A associação da faca com o poder iniciático em meio a tradição cultural, é um tema recorrente em diversas culturas ao redor do mundo, no contexto do fanado, é muito mais do que um simples instrumento, representa um conjunto de valores, crenças e práticas que são transmitidas de geracionalmente. A insistência em preservar os rituais associados à faca demonstra a importância de proteger as tradições culturais e a identidade das comunidades

praticantes. A pesquisadora Jessica Prazeres, já citada aqui, destaca a recorrência de discursos que associam as práticas de rituais africanas com a falta de higiene e a práticas não médicas, como apontado por Ana Gomes Ferreira. Essa perspectiva, comum em publicações sobre o tema, reforça a visão colonial e ocidental que estigmatiza as culturas africanas e justifica intervenções externas. A ênfase na falta de condições sanitárias e na ausência de anestesia serve como argumento para condenar a prática, desconsiderando seus significados culturais e sociais.

Por tradição, a mutilação é feita por mulheres da aldeia que se especializaram no uso de lâminas, bocados de vidro ou facas mal afiadas. Pode dizer-se que as facas, vidros e lâminas não são desinfetados antes de voltarem a ser usados. Nem há anestesia. Mas isso é pouco importante. Ainda que a mutilação genital fosse feita num hospital (há países que o fazem) não podia existir. [...] Por ano, morrem milhares [de mulheres mutiladas]: esvaem-se em sangue, sucumbem a partos, apodrecem com infecções. (Ferreira, 1999 *apud* Prazeres, 2018).

Essa abordagem ignora as dimensões simbólicas e identitárias que a prática carrega para as mulheres e suas comunidades. Ao afirmar que a MGF não poderia existir mesmo que fosse realizada em um hospital, Ferreira revela uma visão essencialista e atemporal sobre a prática, negando a possibilidade de mudança e transformação cultural. A insistência de Aissatu em entregar a faca no mato sagrado, e não em uma mesa, como proposto pelas autoridades, demonstra a importância dos rituais e dos espaços sagrados para a prática. O fanado é transmitido de geração em geração, sendo um conhecimento guardado e protegido pelas mulheres mais velhas da comunidade. A faca é um símbolo dessa transmissão, representando a continuidade da tradição. A resistência de Aissatu e de outras mulheres à proibição do fanado reflete a importância dessa prática para a identidade cultural e o bem-estar das comunidades. A imposição de proibições sem um diálogo prévio, gera ressentimento e desconfiança. A relação entre as comunidades praticantes do fanado e o Estado é marcada por conflitos de poder. As tentativas do Estado de controlar e erradicar a prática são vistas como uma ameaça à autonomia das comunidades e à sua identidade cultural.

A pergunta sobre a faca e o HIV surgem em um contexto cultural e social complexo, onde as práticas tradicionais e as crenças populares se entrelaçam com informações científicas sobre saúde. É importante analisar essa relação já que em muitas culturas, incluindo a da Guiné-Bissau, práticas tradicionais como o fanado são associadas à saúde reprodutiva e à fertilidade. A faca, como instrumento utilizado neste ritual, é vista como um símbolo de poder e cura. A falta de acesso a informações precisas sobre a transmissão do HIV e a confiança nas práticas tradicionais podem levar à crença de que o ritual do fanado não está relacionado à transmissão dessa doença. Mas há também o outro extremo que é a associação entre a faca e o HIV, que

pode ser vista como uma tentativa de desacreditar as práticas tradicionais africanas e impor valores externos. Essa resistência à mudança é compreensível, pois as práticas culturais são profundamente enraizadas na identidade das comunidades. A desconfiança nas instituições de saúde e nas informações oficiais pode levar as comunidades a questionar a veracidade das informações sobre a transmissão do vírus, as proibições do fanado e a associação da prática geraram estigmas e discriminação contra as mulheres que praticam ou praticaram o ritual. A falta de informações precisas e acessíveis sobre a transmissão do HIV e sobre as alternativas seguras para a saúde reprodutiva pode dificultar a mudança de comportamentos e a adoção de práticas mais seguras, para isso, é fundamental estabelecer um diálogo respeitoso e intercultural entre as comunidades, onde os profissionais de saúde e os formuladores de políticas, busquem compreender as crenças e práticas locais e ofereçam informações precisas e relevantes. A educação em saúde deve ser adaptada às necessidades e ao contexto cultural das comunidades, utilizando linguagens acessíveis e exemplos relevantes.

De forma geral, diversos documentos internacionais contemporâneos dedicados à “eliminação da mutilação genital feminina” situam esta prática no âmbito da “tradição”. Normalmente, a noção de “tradição” que prevalece nesses documentos é a de algo estático e, portanto, a-histórico. Coaduna-se a esta perspectiva a associação da ideia de “práticas tradicionais” a atos prejudiciais e/ou coercivos. Inevitavelmente, a suposta “natureza opressiva” de tradições como as intervenções genitais femininas se tornou um argumento comum entre as instituições internacionais e organizações não-governamentais que se opõem a essas práticas. É neste momento que os argumentos em torno dos “direitos humanos universais” entram em cena. (Prazeres, 2018, p. 37).

A pergunta sobre a faca e o HIV revela a complexidade das relações entre cultura, saúde e poder público. É preciso considerar as crenças populares, e a resistência às mudanças. As políticas públicas devem ser fruto de um diálogo intercultural para compreender e abordar essa questão de forma sensível e eficaz.

Deixar explícito que a prática do fanado não causa a transmissão de doenças autoimunes e sexuais, mas que a transmissão ocorre através do contato com sangue, sêmen, secreções vaginais ou leite materno infectados. Sendo assim, é relevante destacar que as práticas tradicionais podem ser adaptadas e integradas a práticas de saúde mais seguras, garantindo a proteção da saúde das mulheres e ainda assim respeitar suas crenças e valores. É fundamental promover a saúde de forma integral, considerando os aspectos biológicos, sociais e culturais.

A entrevista de Aissatu nos oferece uma visão da importância dessa prática para a identidade cultural e tradicional das mulheres na Guiné-Bissau. A resistência das comunidades

praticantes mediante às proibições demonstra a busca em manter suas tradições e práticas culturais.

A prática pode ser problematizada através de algumas posições sociais, onde na maioria das vezes, as pessoas que passam pela prática, foram submetidas sem uma noção sobre a mesma. Por isso, problematizo sobre a questão de submeter uma menina à prática sem o seu consentimento. Por outro, levando em conta a organização sociocultural dos grupos, na maioria das vezes os nossos pais têm direito de tomar certas decisões sobre as nossas formas de permanência dentro da sociedade, o que leva à tomada de decisão sobre o nosso corpo. Por isso, a noção de ter essa prática em manutenção passa muito pela forma de poder dos mais velhos sobre nós. Também é necessário problematizar o termo mutilação genital feminina (MGF), dentro de uma lógica eurocentrista, onde na maioria das vezes, mostra os motivos por qual os ONGs questionam a prática de fanado, mostrando superioridade cultural em relação aos outros, enfatizando fanado como uma prática nefasta, de modo que, essas ONGs, na maioria das vezes são pagas ou recebem financiamentos das instituições ocidentais. Assim, partindo de uma lógica de relativismo cultural, podemos entender o quanto é necessário olhar para o outro sem introjetar a superioridade sociocultural ou olhar as práticas dos outros como nocivas, mas saber lidar com a diferença dentro de um campo epistêmico e sociocultural. Portanto, dentro de uma lógica imperialista, não podemos afirmar que a prática não é originalmente guineense, porque, outros grupos sociais guineense realizam a prática dentro de uma lógica cultural mas, é importante pensarmos nessa manutenção do poder na tomada de decisão sobre a realização da prática, como também, as narrativas infundadas sobre a prática.

De acordo com Nnaemeka (2005), traduzida por Soares (2025) afirma que,

Também poderíamos nos perguntar como e por que tantos ocidentais, especialmente (mas não apenas) feministas brancas, estão se tornando ativos na academia ou na política em torno dessa questão sem saber nada sobre as práticas ou sem ter tido uma única conversa com uma mulher circuncidada! Nesse sentido e em outros, parecemos ter nos envolvido em uma grande dose de "percepção arrogante", que na verdade não se relaciona tanto com o que pensamos sobre algo, mas com o que fazemos com essa informação e, especialmente, como usamos nossas análises para nos diferenciar deles. (Nnaemeka, 2005, p. 4)

A seguir trechos da entrevista⁷, foi concedida à Fatumata Binta Balde em dezembro de 2023, por Djara Câmara⁸, Mulher Guineense, da etnia Biafada, com idade de 53 anos.

⁷ Entrevista não publicada, cedida à autora por ocasião da construção do trabalho de conclusão de curso em ciências sociais na Unilab. No dia 27 de Dezembro de 2023, em Bissau, Guiné Bissau.

⁸ O nome fatumata é um nome popular na guiné bissau, como o mesmo nome da autora, foi omitido o sobrenome da entrevista no intuito de manter o sigilo.

Entrevistadora: Não vou lhe fazer perguntas específicas. Você pode falar tudo sobre o *fanado*. Fale sobre como era a realização da prática antes, como está a situação agora, qual é a falta que vocês sentem e qual é a diferença das crianças atualmente em relação ao passado. Além disso, quando você realizava a prática, houve casos de crianças falecidas ou que contraíram doenças?

Djara : Minha filha, como vocês estão vivendo na terra dos outros? Sobre as coisas de fanado, o que vocês estão vendo não é apenas o ronco, mas sim uma sun'na⁹ do profeta. Tudo começa nele. Por isso, a sun'na é boa. A mulher deve fazer a sun'na. Por exemplo, se uma menina está com febre e você faz a sun'na nela, a febre passa, e a menina fica bem. Muitas pessoas dizem que isso é bom porque vem de Deus. Agora, estamos todos cansados. Muitas meninas começam relações sexuais muito cedo, e isso acontece por falta da sun'na. Dizem que, se você faz a sun'na, a menina se afasta do homem mais cedo. A sun'na é tudo. É algo do profeta, e é isso que vemos desde os nossos antepassados. Como é que agora estão nos dizendo que não é bom? Estamos tirando algo que vem de Deus e colocando outra coisa no lugar. Deus não quer isso. Vocês devem entender o que passamos e nos deixar realizar a nossa prática, que nos foi ensinada. Cada um tem a sua cultura, e ninguém deve renegar a sua. Queremos a nossa cultura porque ela é boa para nós. É isso que pedimos: que tudo continue a ser realizado, e que Deus nos ajude.

Entrevistadora: Disseram que vocês utilizam apenas uma faca para realizar o *fanado*. Isso é verdade?

Djara: Não, cada um tem a sua faca. Não faz sentido alguém se levantar para realizar a prática sem saber o que está fazendo. Quando comecei a trabalhar com a faca que herdei da minha mãe, descobri que ela tem muitas vantagens. Muitos dizem que isso não é bom, mas já estamos cansados de sofrer. Todos nós estamos doentes porque não podemos mais realizar a prática. Se chega o tempo e ninguém faz, ficamos incomodados. Antigamente, estávamos com saúde e conseguíamos ganhar alimentos para sobreviver. A faca veio do meu pai, do meu avô paterno e do meu tio. Mas a faca me escolheu quando pari pela quarta vez. Foi numa quinta-feira para sexta-feira. Sonhei que tinha uma faca e realizava a prática de fanado. No momento em que sacudia a faca, despertei assustada do sonho e comecei a sentir dor de cabeça. Um dia, meu cunhado veio me ver. Ele viu que eu estava chorando e perguntou o que estava acontecendo. Depois disso, ele me ajudou com medicamentos tradicionais, e assim peguei a faca. Minha filha foi a primeira pessoa para quem realizei o fanado. Depois, realizei a prática com muitas pessoas. Nenhuma delas morreu ou ficou doente no local (barraca).

Entrevistadora: Vocês têm algum apoio do Estado?

Djara: Nunca nos deram nada. Agora estou aqui, com os meus filhos, lutando todos os dias.

⁹ Sun'na: Termo árabe que significa "tradição" ou "costume". No contexto do fanado, refere-se à prática como sendo uma tradição religiosa, associada aos ensinamentos do profeta Maomé.

Entrevistadora: Das pessoas para quem você realizou o fanado, alguma ficou doente ou morreu por causa disso?

Djara: Nunca. Nenhuma pessoa ficou doente e nenhuma morreu na barraca¹⁰.

Entrevistadora: Entrevistei uma N'ghamano¹¹, e ela disse que as autoridades obrigaram vocês a colocar a faca na mesa.

Djara: Eu não levei a minha faca e nem fui para lá. Isso é uma falta de respeito para a nossa comunidade. Uma vez nos reunimos com eles, e nos disseram para retirar todas as pessoas que passaram pelo fanado da sala e *deixar somente as que não fizeram, a fim de mostrar para elas o que fazemos. Nós recusamos, porque isso é um segredo nosso.*

Entrevistadora: Se você vai realizar o *fanado*, alguém pode ver a faca?

Djara: Não. Você não pode ver a faca por respeito. Ela é sagrada. Antes de realizar a prática, você precisa rezar duas vezes. Também jejuamos por causa da faca. Depois que todos terminam de lavar as mãos com a cola¹², você pode comê-la.

A entrevista de Djara demonstra um forte apego à prática, fundamentada em uma interpretação religiosa e na crença em seus benefícios. Djara associa o fanado à "sunna" do profeta, associando a um caráter religioso e sagrado. A entrevistada afirma que a cerimônia traz diversos benefícios para a saúde, como a cura de febres e a proteção contra doenças. Essa crença é reforçada por sua experiência pessoal e pelos relatos de outras mulheres. O fanado é visto como parte integrante da identidade cultural e da história familiar de Djara, sendo transmitida de pai para filha, sendo a entrevistada a primeira geração que precisa repensar o ritual e muitas vezes é a pessoa que é questionada socialmente por seus pares, pela não continuidade da tradição, gerando repercussões sociais, espirituais e psicológicas, afetando a consciência de pertencimento étnico.

A entrevistada demonstra uma forte resistência às mudanças impostas pelas políticas governamentais, defendendo o direito das mulheres de praticar o fanado de acordo com suas tradições, afirmando também que quando o ritual é realizado de forma correta, não traz riscos à saúde das mulheres, incluindo o risco de contrair o HIV. *“Muitas pessoas disseram que isso*

¹⁰ Barraca: Local onde são realizados os rituais do fanado, um espaço sagrado e protegido.

¹¹ N'ghamano: Termo que designa um líder religioso ou espiritual, com conhecimento profundo sobre os rituais e as práticas tradicionais

¹² Cola: Substância utilizada nos rituais, possivelmente com propriedades purificadoras ou medicinais.

é bom, isso é bom é de deus, por isso que todo mundo está cansado, muitas meninas agora começam a ter relação sexual antes de 15 anos, tudo isso é falta de sunna" - Nesse trecho, Djara estabelece uma relação entre o fanado e a moralidade, argumentando que a prática contribui para a educação sexual preventiva. *"Mas como muitos dizem que isso não é bom, já cansamos de sofrer por isso, porque todos nós estamos doentes por causa disso"* Essa fala demonstra a angústia e o sofrimento causados pelas proibições, que são atribuídas a problemas de saúde nas comunidades. *"Minha filha foi a primeira pessoa que botei o fanado, depois botei muitas pessoas, mas nenhuma delas foi morta no lugar "barraca" nem por doença"* - Nesse trecho, Djara compartilha sua experiência como praticante, afirmando que o fanado não é motivo de doença ou morte para com as mulheres.

A entrevista de Djara corrobora com as narrativas da entrevista anterior, apontando para a conexão entre o fanado e a identidade cultural das mulheres guineenses, o que pode justificar a resistência às mudanças e fortalecer as crenças nos benefícios da prática, reiterando sua crença na segurança do fanado, tanto em relação à saúde das mulheres quanto à mortalidade infantil, baseada em sua experiência pessoal e nas experiências das mulheres que ela atendeu, enfatizando também a natureza secreta e sagrada da prática. A crença na existência de forças espirituais enquanto fator complementar da saúde e o bem-estar comunitário é um elemento central. A dimensão espiritual e a força do imaginário coletivo são fatos a serem considerados, incentivando a resistência das mulheres às mudanças impostas e na necessidade de continuar fazendo a manutenção de práticas tradicionais. O segredo desempenha um papel fundamental, protegendo o conhecimento tradicional, no entanto, também pode contribuir para a perpetuação de mitos e informações incorretas. Djara cita também a relação das praticantes com o Estado e a sociedade, a entrevistada afirma categoricamente que as praticantes não recebem nenhum tipo de apoio do Estado, o que dificulta a manutenção do status, da seguridade e dos direitos das mulheres envolvidas.

A proibição de mostrar a faca para pessoas não iniciadas demonstra a importância dos rituais e a necessidade de proteger o conhecimento tradicional, Djara e outras praticantes resistem às tentativas do Estado de controlar e regulamentar, defendendo sua autonomia e o direito de escolher como realizar os rituais. A falta de apoio estatal e as tentativas de proibir a tradição, geram um sentimento de desconfiança. A imposição de normas externas sem considerar as crenças e valores das comunidades pode agravar os conflitos e dificultar a implementação de políticas públicas eficazes. São necessárias abordagens multidisciplinares e sensíveis às especificidades culturais. O papel do Estado e das organizações dos direitos humanos, assim como os intelectuais que se debruçam sobre o assunto, deveria ser de consultar

as comunidades específicas, dando ênfase às dinâmicas sociais e analisando as relações de poder que envolvem a hierarquia, entendendo as estratégias de resistência, a representação do papel de liderança feminino e a necessidade social dessas, de dar continuidade a tradição viva em suas famílias.

Nesse interim, Djara ainda afirma que, "*Nunca nos deram nada.*", "*Nunca, nenhuma pessoa ficou doente e nenhuma morreu na “barraca” e ninguém morreu no parto.*" "*É um segredo nosso, isso nunca pode acontecer porque é proibido de mostrar a faca nem para a pessoa que passa pela a prática imagina quem não passa.*", "*Uma vez reunimos com eles, e nos disseram para tirar todas as pessoas que foram para “fanado” da sala, e ficaríamos com os que não foram “bulufus”, a fim de mostrarmos para elas o que a gente faz na “barraca”, mas recusamos de fazer isso porque é um segredo nosso.*" Nestes trechos, fica explícito a resistência da comunidade em relação às tentativas de controle externo, demonstrando a importância da autonomia e da autodeterminação.

A crença na tradição é inabalável, a entrevistada demonstra uma profunda fé, baseada na experiência pessoal e nas tradições. A preocupação com a exposição e a quebra do sigilo revelam a vulnerabilidade da comunidade frente às tentativas de proibição e controle, além disso a falta de apoio institucional e o estigma associado geram um sentimento de marginalização e desvalorização, sendo fundamental que haja o apoio por parte das instituições e o poder público reconhecendo a importância das tradições e crenças das comunidades, estabelecendo um diálogo aberto e respeitoso, assegurando que as mulheres tenham acesso a serviços de saúde e assistência social, baseado em suas práticas culturais.

Por outra perspectiva, segundo o resultado da nossa pesquisa, analisa-se que as mulheres mais velhas que foram excisadas e supostamente tiveram complicações no parto e nem apresentam nenhum problema de saúde, são observadas como referências de que o fanado não prejudica a saúde da mulher. Situação como essas, faz com que muitas comunidades continuem essa prática e duvidando no desenvolvimento da ciência. Numa sociedade que existe um grande índice de analfabetismo, seria uma grande dificuldade fazer-lhes acreditar na ciência ou mudar a realidade cultural e tradicional daquele povo. (Traule, 2022, p. 49).

A entrevistada Djara, apresenta-se como uma fervorosa defensora do fanado, demonstrando profundo respeito e conhecimento na prática. Seu discurso defende a identidade cultural e um senso de pertencimento à comunidade que pratica o ritual. Ela se posiciona como guardiã de uma tradição ancestral, considerando o fanado um pilar fundamental de sua cultura e religião, associando-o à "sunna" do profeta, o que remete à tradição ou costume do profeta Maomé, conferindo ao fanado um caráter religioso e sagrado, mesmo que dados históricos

apontem que a prática ritual relacionada a excisão parcial do clitóris já fazia parte das culturas étnicas guineenses antes da chegada de influências religiosas.

Podemos concluir que todas as etnias são animistas na sua origem e, com a evolução dos tempos, foram adaptando as suas práticas culturais às novas religiões. No caso da Guiné-Bissau também não fará sentido a associação da MGF ao Islão porque a MGF já era praticada muito antes do islamismo e de outras religiões pisarem as suas terras. Não tem origem religiosa, mas foi inserida na religião como parte dela. (Quintas; 2013, P.11).

A seguir trechos da entrevista¹³, concedida à Fatumata Binta Balde em dezembro de 2023, por Maimuna, Mulher Guineense, da etnia Biafada, com idade de 60 anos.

Maimuna: Desde que comecei com isso, já faz dez anos. A faca se tornou como uma família para nós. Nosso pai já era N'ghamano (responsável pelo ritual). Nós, mulheres da família, somos três. A mais velha não quis pegar a faca por receio, e a outra tinha muitos problemas, o que a impediu de assumi-la. Assim, meu pai me deu a faca. No início, não pude pegá-la porque estava grávida. Não se pode manusear a faca com o 'bambaram' (placenta/bebê) dentro de mim, pois ainda estava dando à luz. Meu pai me disse: 'Você pode ir, mas quando voltar, a faca será sua'. Ele a entregou à minha irmã, pois, caso eu não voltasse antes de sua morte, ela ficaria com a faca. Graças a Deus, voltei, ele não havia falecido e me entregou a faca. Depois, meu irmão mais velho pegou a faca e trabalhou com ela. Ele trabalhou bastante tempo (i bota guintis fanado). Quando ele voltou, me entregou a faca, realizou toda a lavagem ritualística e me entregou. Na hora, foram feitos todos os procedimentos rituais para que eu pudesse empunhá-la. Assim, comecei a usá-la, em um tempo em que não era proibido. Não se passaram nem três anos e começaram os problemas com a proibição, alegando que a prática não era válida. Assim, deixamos de praticar o fanado e guardamos a faca, com medo de usá-la. Se alguém quisesse 'fanar' sua filha, nenhuma de nós teria coragem de fazer, pois uma de nós já foi presa por isso. Assim, mantemos a faca guardada, não a roubamos, mas a herdamos (no mamal nan). Temos a faca, mas não temos coragem de trabalhar com ela”.

Por outro, afirma que:

desde que comecei a trabalhar com a faca, nenhuma menina foi vítima de doença por causa do fanado realizado por mim. Nenhuma das meninas que submeti à prática teve problemas de sangramento excessivo. Mesmo com outras meninas que passaram pela prática comigo, nenhuma delas teve problemas com gravidez ou no momento do parto. Já realizei a prática em várias regiões, mas nenhuma delas sofreu com algo referente a ela. Mas, desde que a autoridade nos ameaçou, não realizei mais a prática em nenhuma menina. Mesmo quando alguém me chama, recuso, pois tenho medo de ir para a prisão. Meu marido não tem recursos, ninguém me tiraria de lá. Por isso, não realizamos mais a prática (no dobra no faca no sintá).

Ainda, Maimuna, afirma que:

¹³ Entrevista não publicada, cedida à autora por ocasião da construção do trabalho de conclusão de curso em ciências sociais na Unilab. No dia 29 de Dezembro de 2023, em Bissau, Guiné Bissau.

Muitos dizem que, quando alguém passa pela prática, não engravida ou tem dificuldades no parto. Essa é a ideia deles, mas não corresponde à verdade. Já participamos de um seminário de dois dias aqui e falei para elas que tenho a faca e comecei a responder por elas: ‘Já tenho a faca. Já que vocês disseram que ninguém mais passará por essa prática, nós, que já passamos, nunca tivemos problemas. Meu marido nunca precisou me dar nada para facilitar o parto. Engravidei sem dúvidas e dei à luz sem nenhum problema. Já tive dez partos e nenhum deles foi no hospital. Já que vocês disseram que ninguém mais realizará a prática... o mundo é moderno, mas nós não estamos nessa modernidade’. Disseram que não podemos trabalhar com a faca com muitas pessoas, pois o sangue é diferente e muitas pessoas podem se infectar ou transmitir doenças para outras, como HIV, tuberculose e outras doenças transmissíveis, o que recomenda o uso de lâmina individual. Eu mesma parei de realizar a prática há mais de quatro anos.

Entrevistadora: – Mas você gosta de realizar a prática do *fanado*? Mesmo se eles liberarem a continuidade da prática, vocês não vão realizar?

Maimuna: Se eles liberarem para continuar a prática, vou continuar realizando (botar fanado), pois isso é nosso dom, herdamos a faca. Nunca podemos deixar de fazer isso por vontade própria, pois, senão, a faca nos cobrará. Você viu aquela menina? Ela não tem mais cabelo por causa da faca. Me disseram para eu lavar a faca e raspar a cabeça dela com a faca. Falei que não, pois a faca volta para nós e nos pede [...]. Você não pode trabalhar com a faca por mais de dois anos sem fazer a cerimônia, senão, você pode se molestar com a faca. Se formos liberadas, vamos trabalhar. Caso contrário, não vamos trabalhar por causa da autoridade.

Entrevistadora: Será que você vigia a barraca?

Maimuna: Não vigiei ainda a barraca. Vigiar a barraca é para os mais velhos. Você, que é responsável pelo fanado (N’ghamano), não pode vigiar. Quem vigia é uma pessoa que já passou pela experiência de muitos anos, pois você, que realiza o fanado, não pode vigiar ao mesmo tempo. Assim, cada um ganha um pouco para sobreviver (pabu odja bu cola, pasi duno també odja si cola).

A faca sempre cobra das pessoas. A faca me cobrou, pois meu irmão mais velho que me criou, porque minha avó não estava lá no momento. Quando passei pelo ritual de fanado, já era adulta. Crianças não podem ser submetidas à prática. A faca veio atrás de mim. Descobriram, pois, quando me deitei, estava vendo minha avó, levantei e cobri o pano. O N’ghamano foi chamado e disse: ‘Vocês não me informaram que ela tem a faca’. Logo, minha irmã mais velha disse: ‘A avó dela, que pariu a mãe dela, que tem a faca. Ela, com a minha tia, sempre andam juntas para realizar o fanado.. Se você não pedir a faca aos mais velhos, se é da sua própria família, ela vem atrás de você para uso contínuo. No dia em que dei a faca à minha mãe, minha neta foi a primeira pessoa em quem ela usou a faca para o fanado. Como ela não fez a cerimônia que devia ser feita, toda hora ela passava por problemas. Então, chamei a irmã da minha mãe para fazermos a cerimônia de lavar a mão, para que ela possa continuar a realizar o fanado. Senão, toda hora ela terá problemas, principalmente se encontrar uma pessoa superior a ela.

A entrevista de Maimuna evidencia a importância da tradição familiar, a pressão social e as incertezas geradas pelas proibições. Maimuna relata que muitas mulheres hesitam em realizar o ritual por medo de punição. A proibição do fanado não apenas impede a prática, mas

também gera insegurança e sofrimento psicológico para as mulheres que possuem a faca. Apesar das proibições, Maimuna mantém a crença na segurança do fanado, afirmando que nunca houve problemas de saúde relacionados à prática. A não realização dos rituais corretos pode trazer consequências negativas para a praticante e para as mulheres que ela inicia. A faca, que antes era um símbolo de orgulho e poder, tornou-se um fardo. Apesar das proibições e da pressão social, muitas mulheres continuam a acreditar na importância do fanado e desejam *"Mas graças a Deus voltei ele não morria e me deu faca, depois meu irmão mais velho pegou a faca e trabalhou com ele, (i bota quintis fanado) até quando ele voltou aqui e me entregou a faca e fez todo a lavagem da faca e me deu a faca."* Demonstrar a importância da transmissão da faca dentro da família e dos rituais associados à sua posse. *"Dentre isso, temos a faca guardada, porque não roubamos ela, mas sim a gente herdou (no mamal nan) a faca, já temos ela mas não temos a coragem de trabalhar com ela"* a atual condição de criminalização, revela a angústia das mulheres que possuem a faca, mas não se sentem seguras para praticar. *"Mas desde que a autoridade nos ameaçou, não fez a prática por nenhuma menina, nem se fosse quando alguém me chamou eu recuso porque tenho medo de ir para prisão."* Evidencia o medo da punição e a consequente interrupção da prática. Ela relata que muitas mulheres hesitam em realizar o ritual por medo.

Apesar das proibições, Maimuna e outras mulheres continuam a acreditar na importância do fanado. É importante ressaltar que a perspectiva de Maimuna representa apenas um dos muitos pontos de vista sobre o fanado. A prática é multifacetada, e as experiências individuais das mulheres podem variar significativamente.

4 CONCLUSÃO

Este estudo se propôs a investigar o fanado na Guiné-Bissau, buscando compreender os significados atribuídos a essa prática pelas mulheres, suas relações com a identidade feminina, a comunidade e a espiritualidade, os impactos das proibições nas relações sociais e dinâmicas de poder, e como as mudanças sociais e políticas influenciaram o fanado ao longo do tempo. A pesquisa demonstrou que o fanado é muito mais do que uma modificação corporal; é um fenômeno complexo, imbricado na teia sociocultural das comunidades que o praticam.

As narrativas das mulheres, revelam que o fanado está intrinsecamente ligado à construção da identidade feminina, marcando a transição para a vida adulta e a inserção plena na comunidade. A prática se conecta a um sistema de crenças e valores ancestrais, carregando

significados espirituais profundos e conferindo status social às mulheres que a vivenciam e, principalmente, às *N'ghamano*, as detentoras desse saber ancestral. A pesquisa evidenciou que, para essas mulheres, o fanado representa um legado transmitido através das gerações, um elo com suas antepassadas e uma forma de preservar suas tradições.

A imposição de uma perspectiva externa, que criminaliza e demoniza a prática sem considerar seus significados locais, tem gerado tensões e conflitos dentro das comunidades. A análise das mudanças sociais e políticas ao longo do tempo demonstra que o fanado tem passado por transformações, adaptando-se a novos contextos. A influência de organizações internacionais, a atuação do Estado guineense e o avanço do acesso à informação têm contribuído para o debate sobre a prática e para a emergência de novas perspectivas. No entanto, a criminalização pura e simples, sem o devido diálogo e a construção de alternativas culturalmente sensíveis, pode gerar resistências e perpetuar desigualdades, como apontado no texto original.

É fundamental promover um diálogo intercultural que valorize os saberes locais e as vozes das mulheres envolvidas, especialmente as *N'ghamano*. A construção de alternativas culturais que ofereçam ritos de passagem seguros e respeitosos, que preservem os aspectos positivos da tradição sem reproduzir práticas danosas, é um caminho promissor. Investir em educação, saúde sexual e reprodutiva, e no empoderamento das mulheres são medidas cruciais para promover a mudança de forma sustentável. A transformação não deve ser imposta de cima para baixo, mas construída em conjunto com as comunidades, respeitando seus valores e buscando soluções que promovam o bem-estar de todas as mulheres guineenses.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cremilde. **As que passaram pelas barracas**: representações e vivências de mulheres sobre o fanado feminino em Bissau (Bairro Militar). 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CARDOSO, Auzenda. África: género, educação e poder - Perspectivas sobre o género na Guiné-Bissau. *In*: BARATA, Óscar Soares; PIEPOLI, Sónia (Org.). **África**: género, educação e poder. Lisboa: ISCSP, 2005. p. 149-150.

GOMES, Patrícia Godinho. A Mulher guineense como sujeito e objeto do debate histórico contemporâneo. **Excertos da história de vida de Teodora Inácia Gomes**. XIV Assembleia Geral do CODESRIA, Dakar (Senegal), 8-12 jun. 2015.

INTUMBO, Mariett Faustina Ferreira. **Monoparentalidade Feminina na Guiné-Bissau Rural: Desafios das Mulheres na Gestão das Suas famílias.** 2021. Tese (Doutorado) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2021.

MONTEIRO, Nadesda Augusto. **A prática do *fanadu* sob ponto de vista das mulheres: uma análise a partir do bairro de Cuntum Quelélé.** Dissertação de Mestrado - Universidade Federal da Paraíba - UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2024.

NNAEMEKA, Obioma. **Female Circumcision and the Politics of Knowledge: African Women in Imperialist discourses.** Tradução de Maria Andrea dos Santos Soares (2025); British Library, EUA (2005).

PRAZERES, Jéssica Costa. **O corpo da mulher como campo de disputa: representações ocidentais sobre as intervenções genitais femininas em África.** 2018.

QUINTAS, Sara Vera-Cruz. **Mutilação Genital Feminina na Guiné-Bissau.** 2013. 15ª Pós-Graduação em Direitos Humanos. Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.

SILVA, Carina Castro da. **Mutilação genital feminina: percepções de jovens guineenses residentes em Portugal e de profissionais com a experiência na Guiné-Bissau.** 2015. Dissertação (Mestrado em Acção Humanitária, Cooperação e Desenvolvimento). Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2015.

TRAULE, Bintu. **Fanadu, mutilação genital feminina na Guiné-Bissau entre tradição e tensões.** 2022. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SoCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.